

O sertanejo e a cidade, uma imagem utópica

Maria da Conceição Coelho Ferreira
Université de La Rochelle e Université Paris 3 – França

GRANDE SERTÃO: VEREDAS, UTOPIA, CIDADE, SERTÃO, AMBIGÜIDADE

Falar da obra de Guimarães Rosa sem abordar o que a tornou tão significativa no que concerne a renovação literária no Brasil seria não reconhecer a sua maior riqueza: o autor parte de uma perspectiva até então virgem nas letras brasileiras – não o fato de trabalhar com temas como coronelismo e jagunçagem como cerne de seu único romance – mas o fato de propor um olhar novo sobre esses fenômenos: não é o mundo urbanizado do litoral que estuda o sertão, mas o sertão que se estuda a si mesmo, sua realidade e o contexto no qual ele se insere. *Grande Sertão: Veredas*¹ será o ponto de partida do presente trabalho. No romance rosiano, por meio de uma retrospectiva que o protagonista faz de sua vida de jagunço, ele nos oferece uma leitura bem particular do universo urbano. Entre dúvidas, questionamentos e confissões, um certo pesar emana de suas palavras, um sentimento intangível mas presente. É aí que entra o tema de nosso estudo, ou seja, a visão utópica da cidade pelos sertanejos. Seu pesar Riobaldo tenta ludibriá-lo se escondendo atrás de uma imagem exponencial das cidades, numa apologia desse espaço que o livraria de seus demônios. Pois o jagunço parece estar profundamente ligado ao espaço físico que o contém².

O texto que nos propomos trabalhar nos dá um retrato bastante fiel da idéia um tanto utópica que os sertanejos podiam ter do espaço de tessitura urbana. No seu imaginário, cidade significa ordem,

1 Rosa (1986).

2 Com *Os Sertões*, Euclides da Cunha já mostrara que o sertão havia se tornado com o tempo uma realidade autônoma em relação ao litoral em todos os setores, inclusive na área lingüística, o que ultrapassa o âmbito do presente trabalho, e com *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa projeta sobre a região uma luz nova, conferindo-lhe independência e vida própria.

limites num espaço ele mesmo limitado, civilização, com leis reguladoras de direitos e deveres, lugar por excelência de instrução, de progresso. A trama fictiva da obra rosiana se desenrola numa parte do sertão que vai de Minas Gerais até a Bahia e toma uma parte do sertão de Goiás. O romance é narrado em primeira pessoa, o que confere à obra uma unificação problemática. Mas Riobaldo, detentor da palavra do início ao fim, é o único que pode nos dar uma idéia do que a cidade representa para um sertanejo. É verdade, Riobaldo é um sertanejo – e jagunço! Mas ele é atípico. Ele tem certo grau de instrução e aprendeu a gostar de ler! No entanto, sua natureza ambígua o traz sempre de volta às origens.

O livro começa com uma digressão sobre o sertão pelo jagunço Riobaldo, que o descreve como um lugar imune a toda espécie de autoridade, espaço sem fim, “sem fechos”, onde tudo é tolerado. “O sertão esta em toda a parte”, afirma Riobaldo, o que parece ser uma confissão de sua parte da dificuldade que ele, como sertanejo, encontra de se livrar das garras desse espaço invasivo. Mas ele quer realmente se livrar?

É interessante notar que essa longa digressão é marcada por uma necessidade quase vital para o jagunço de se assegurar da não-existência do diabo. Levando em conta esse dado importante de seu suposto diálogo com o doutor, seu interlocutor, não poderíamos negligenciar o lugar que credices como essas ocupam no imaginário sertanejo, certamente influenciando a visão de mundo do protagonista. O que vem a dizer que a idéia que o mesmo (Riobaldo) faz do espaço citadino é também contaminada por sua “obsessão” de salvar sua alma. O olhar que o jagunço projeta sobre o mundo é saturado de questões metafísicas sobre a natureza, o cosmos, a demanda religiosa. O homem viveria às voltas com o perigo, como ele pode constatar na sua vida atribulada de jagunço, e cairia em tentação antes mesmo de se dar conta do perigo que o persegue. Seu leitmotiv revela sua posição perante a vida; o próprio ato de “viver é muito dificultoso”. O simples fato de pensar “a cidade” suscita no personagem um misto de inveja e de admiração respeitosa, isso porque o mundo ‘ordenado’ que ele conhece de ouvir dizer é todo o contrário de seu *locus vivendi*. Há admiração e impotência em suas palavras quando aborda a questão do homem na sociedade:

Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto de saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons [...] (ROSA, 1986, p. 15).

Para melhor compreender essas palavras de Riobaldo, é preciso atentar na definição de “cidade”. Entre as muitas definições adotadas por historiadores ou geógrafos, a que usamos aqui foi escolhida de modo a demonstrar a validade da asserção defendida pelo presente trabalho, sem deixar de levar em conta que a definição do termo cidade só pode dar conta do fenômeno se ela se constrói a partir de um modelo dado, delimitando o conceito. Cidade seria então um lugar com um grande número de moradores e com uma alta densidade populacional na qual o espaço natural sofreu uma profunda transformação, lugar esse dotado de um mercado e de uma estrutura política autônoma, com leis e regras que regem a conduta de seus habitantes (DA MATA, 2002). O que nós podemos deduzir da definição acima é que em todo caso a cidade não é o lugar onde se encontra Riobaldo. Ele a vê de longe, ele a teoriza, toma-a como abstração. Em todo caso, articular um espaço não significa conhecê-lo como de fato ele é, mas apropriar-se de uma reminiscência como ela se apresenta num momento crítico. O retrato que Riobaldo faz dela não corresponde forçosamente à realidade da cidade a que se refere, mas ele é de certa forma arranjado de maneira a corresponder a suas necessidades, ou seja, daquele ideal de que o protagonista precisa para fugir da obsessão que o persegue. Para ele só é concreto o sertão, região onde nasceu, cresceu e onde consquistou seu espaço a duras penas. A urbe é o reflexo invertido, o lado positivo da realidade única que o jagunço conhece e por isso nela se encontra tudo o que falta ao sertão: civilização, gente instruída, leis que regem sua vida...

De um ponto de vista social, a ação do romance é circunscrita a um tipo de gente modesta que constitui a base da pirâmide social. Com exceção de alguns chefes de bando – fazendeiros abastados dos quais se fala num misto de reverência e respeito – e alguns poucos agentes de polícia encontrados aqui e ali, com os quais os jagunços cruzam de quando em quando, a população sertaneja é constituída de jagunços e da massa de pobres que habitam o sertão. Os jagunços são na verdade homens que nada têm a perder fora a família, que deixam de lado para trabalhar para um fazendeiro a quem se dedicam de corpo e alma, obedecendo a uma hierarquia, e sem a menor preocupação moral em relação aos “trabalhos” que devem executar (FERREIRA, 2005).

O discurso de Riobaldo constrói um ideal utópico do espaço urbano. Ele nos dá um rascunho de uma cidade desejada, tantas vezes sonhada, um esboço de idéia, vaga e nostálgica, de uma realidade desconhecida e certamente nunca experimentada. A imagem que a cidade passa é a de um mundo governado por regras de comportamento e civilização tais que ela se torna, por um processo de inversão, *locus amoenus*. Assim, a cidade, espaço delimitado por definição, torna-se um espaço aberto, de liberdade e de direitos, em suma, e o sertão, dialeticamente, espaço aberto e sem leis preestabelecidas, – fora as de cada grupo dominante – se tornaria espaço fechado, hermético, sem saída. Um exemplo disso sai da boca de Riobaldo:

[...] jagunço sai do bando quando quer – só tem que definir a ida e devolver o que ao chefe ou ao patrão pertence. As armas, eles não devolviam, porque eram deles; mas, como tinham de primeiro vindo a pé, largavam bem agora os cavalos. Pegavam era um tanto de matula – trivial de farinha e carne-seca, e rapadura, para uns três dias, mal (ROSA, 1986, p. 376), mas:

De certo nadas e noves – iam como o costume – sertanejos tão sofridos. Jagunço é homem já meio desistido por si... (p. 42).

Podemos deduzir que só entravam para o jaguncismo homens que não tinham nada a perder, cuja última esperança de uma vida melhor se encontrava ali, fazer parte do bando e lutar nem se sabe por quê: “Aí mesmo, no momento, fui escogitando: que a função do jagunço não tem seu que, nem p’ra que. Assaz a gente vive, assaz alguma vez raciocina. Sonhar, só, não” (1986, p. 321), pois o importante é que eles não sucumbiam à fome – embora pudessem morrer a qualquer momento em tempos de guerra. Deparamo-nos então com uma visão cândida e ao mesmo tempo lúcida do mundo exterior ao universo sertanejo, aqui, no contexto que nos interessa, a “cidade grande”. Insistimos no termo “cidade grande” porque Riobaldo várias vezes faz alusão à sua vontade de morar em ou perto de cidade, mas não qualquer uma. Cidade grande para os seus parâmetros de comparação seria, por exemplo, Januária, citada inúmeras vezes no texto. Nessa época, Januária era um ponto de referência importante já que ela contava no mínimo um século de existência e desfrutava de certo prestígio. No que concerne os parâmetros urbanos no Brasil do interior de Minas Gerais, fora as vilas nascidas com a expedição em busca do ouro, Januária é uma cidade antiga, representando a força, lugar de poder, onde é bom de se viver:

E, desde, naquela hora, a minha idéia se avançou por lá, na grande cidade de Januária, onde eu queria comparecer, mas sem glórias de guerra nenhuma, nem acompanhamentos. Alembado de que no hotel e nas casas de família, na Januária, se usa toalha pequena de se enxugar os pés; e se conversa bem. Desejei foi conhecer o pessoal sensato, eu no meio, uns em seus pagáveis trabalhos, outros em descanso comedido, o povo morador. A passeata das bonitas moças morenas, tão socialmente, alguma delas com os cabelos mais pretos rebrilhados, cheirando a óleo de umbuzeiro, uma flor airada enfeitando o espírito daqueles cabelos certos (1986, p. 256).

Ajunta-se ao lugar de poder o lugar de prazer, tão escasso pelas brenhas sertanejas. É preciso ir até a Aroeirinha para encontrar Nhorinhá, prostitutriz que lhe deixou lembranças indeléveis de uma ternura quase maternal, ou até o Verde-Alecrim onde Hortência e Maria-da-Luz, estavam sempre à espera de quem aparecesse: “Bom, quando há leal, é amor de militriz [...]. Que guardam prazer e alegria para o passante; e, gostar exato das pessoas, a gente só gosta, mesmo, puro, é sem se conhecer demais socialmente [...]” (1986, p. 397).

Ao mesmo tempo material e abstrato, o ideal de cidade construído por Riobaldo, viajante que percorre espaços selvagens e infinitos, se fundamenta numa forma de dicotomia com o espaço sertão, indomado e indomável. Fundamenta-se também em interesse ideológico onde se fecunda a idéia de excelência. A cidade torna-se assim tributária de um imaginário ambíguo de proteção e de perdição, de plenitude e de falta, pois se ela é tão bem imaginada e suscita tantos sonhos, ela certamente não estaria à altura do interesse despertado. A cidade é por definição espaço construído, limitado, mas aberto (no sentido de se poder ainda estender seus limites). Embora as cidades brasileiras nessa época ainda necessitassem adquirir uma autonomia e uma maturidade própria, elas eram, aos olhos do sertanejo, um espaço completamente acabado, sem a rusticidade e as irregularidades de toda espécie que caracterizam o sertão. Em contrapartida, o sertão, lugar que carece de fechos como salienta Riobaldo, seria espaço a ser construído, múltiplo, escondido, vasto, onde inventar ainda é possível. Poderíamos mesmo dizer lugar passível de ser inventado, já que tudo está por vir a ser.

Um outro dado importante que não podemos negligenciar é que Riobaldo é jagunço, homem nômade – “jagunço nunca dilata”; “alegria de jagunço é movimento galopado...” – viajante por natureza, e por conseguinte seu olhar é mutante. Essa é mais uma das dialéticas que o caracterizam e a não menos importante, quer dizer, o seu movimento incessante, que acaba por criar o desejo contrário, ou seja, o de criar raízes.

Se tomarmos a noção de tempo, vemos que a idéia de tempo para um sertanejo não é a mesma que para um homem da cidade. Se Riobaldo serve de exemplo, tem-se já idéia desse tempo dilatado, que não se pode cronometrar. A história que ele conta ao doutor não dura nada mais nada menos que três dias, e a julgar pelo relato (a história é contada na primeira pessoa), ininterruptos! Não se sabe o que o “doutor” foi fazer nas paragens onde Riobaldo reside, mas se pode inferir, quando o protagonista pede à seu interlocutor para demorar-se mais em sua casa, que o visitante letrado é instado a ficar na fazenda de Riobaldo por pelo menos três dias:

É, que se vai? Jàjá? É que não. Hoje, não. Amanhã, não. Não consinto. O senhor me desculpe, mas em empenho de minha amizade aceite: o senhor

fica. Depois, quinta de-manhã-cedo, o senhor querendo ir, então vai, mesmo me deixa sentindo sua falta. Mas, hoje ou amanhã, não. Visita, aqui em casa, comigo, é por três dias! (1986, p. 22).

Ao tempo esquivo sertanejo, num espaço ilimitado, opõe-sem o espaço confinado da urbe e um tempo cronometrado, mas que se pode prolongar. Apesar disso, a cidade passa uma imagem de uma nova sociedade que exhibe os sinais de sua prosperidade. De um lado do pêndulo, a cidade, natureza perdida, vencida, dominada, “tornada em alto grau habitável”, do outro, o sertão, natureza indomada, selvagem, o coração e o sal da terra. A noção de cidade toma um lugar privilegiado no discurso de Riobaoldo porque ela subentende uma noção ideológica: ela é também espaço de cultura, de aprendizado da virtude, onde se pode enriquecer sob vários aspectos. Isso equivale a dizer que a *pólis* está intrinsecamente ligada ao *lógos*, e esse sertanejo letrado se considera herdeiro dessa riqueza a que ele aspira tão profundamente e de que fala com tanta nostalgia: “Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatoria” (1986, p. 14).

Não menos importante é o fato que leva o protagonista a contar sua história com tanta eloquência. A perda daquele que foi sua neblina, sua obsessão, seu amigo, tudo, o fez oscilar entre razão e demência. Depois de muito caminho andado, de muitas rezas e muitos “trabalhos” feitos a seu favor, Riobaldo alcança uma certa serenidade. Mas uma idéia não para de lhe correr atrás. A maneira que Riobaldo encontrou para conjurar o demônio foi pensar num espaço onde este não teria influência, e esse espaço é a cidade:

Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção – proclamar por uma vez, artes assembléias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranqüilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida? (1986, p. 15).

No entanto, a ambiguidade que caracteriza o personagem anula a possibilidade de ele ser verossímil. Pode-se perguntar se ele é sincero ou se todo esse desejo de mudança esconde um outro, o de

continuar como sempre foi³. O Rio São Francisco “partiu minha vida em duas partes”, afirma Riobaldo, e essa dicotomia encontra todo seu sentido na dualidade do personagem, baldando qualquer possibilidade de mudança – Rio-baldo. Porque o desejo íntimo do herói é de formar uma cidade no sertão, – cidade de religião, às margens do rio Ururucua, rio dual, que desemboca no São Francisco, rio capital, aquele que fez sua vida bifurcar...

O personagem de Riobaldo reflete de maneira exemplar a dualidade que constitui a relação entre sertão e cidade no Brasil nos fins do Século XIX e início do Século XX. Uma realidade de contrários que se repelem e se atraem. Seu destino perpetua-se preso a certezas incompatíveis, fruto do horror a mudanças e sobretudo da vontade de se construir o novo com ruínas do passado. O aparato do belo e do ideal tomam o lugar do concreto e do prático. A cidade se constrói, em suma, em oposição ao sertão, que é uma espécie de geografia do excesso – “o sertão está por toda parte” é o que afirma Riobaldo. Mas um excesso que se traduz em falta – de limites, de liberdade, de poder, de instrução. Pode-se concluir que a cidade ganha uma nova densidade no imaginário do sertanejo Riobaldo para enfim se tornar concreta. O jagunço se perde nesse ideal para melhor reinventá-lo, mas à sua maneira...

REFERÊNCIAS

Da Mata, Sérgio. **Chão de Deus**: catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil. Séculos XVIII-XIX. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 2002.

Ferreira, Maria da Conceição Coelho. **Croyances politiques et religieuses dans Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa**. Thèse de doctorat (en co-tutelle avec l'Université de São Paulo) – Université Sorbonne Nouvelle, Paris, 2005.

PASTA JR., José Antonio. O romance de Rosa: temas do *Grande Sertão* e do Brasil. **Cahier n. 4 – La ville: exaltation et distantiatiion. Etudes de Littérature portugaise et brésilienne**, Paris: Presse de la Sorbonne Nouvelle, p. 159-170, 1997.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (1956).

3 Para o tema da dicotomia sobre o personagem rosiano, ver Pasta Jr. (1997, p. 159-170).